



ARTIGOS

**"Todo mundo vem pra Recife"**

Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Luís Felipe Rios, *Universidade Federal de Pernambuco*

Resumo. Este artigo discute os circuitos de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens (HSHs) da Região Metropolitana do Recife (RMR). Os dados são oriundos de pesquisa etnográfica realizada por meio de entrevistas, observações participantes e inquérito comportamental, com uma amostra formada por 10 cadeias de respondentes. Nos municípios menores prevaleceu redes comunitárias de malha estreita, que controlavam as pessoas e estigmatizavam as homossexualidades. Para escapar do controle, a homossociabilidade acontecia em espaços como as casas de amigos, praias e praças. E, quando queriam a diversão das boates e bares gays, iam para Recife. Paralelamente, a dimensão *online* era acessada, esgaçando o controle e ampliando as possibilidades eróticas. Analisando a própria dinâmica do trabalho de campo, observamos uma maior facilidade de construir cadeias de respondentes a partir de bairros pobres de Olinda e Recife, que relacionamos às mudanças nas possibilidades de se mostrar homossexual.

Palavras-Chave: Homossociabilidade. Georeferenciação. Cidades menores. Bairros pobres. Visibilidade.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Introdução

Este artigo discute os circuitos de homosociabilidade de homens que fazem sexo com homens (HSHs) moradores da Região Metropolitana do Recife (RMR).¹

A literatura tem mostrado como, frente aos processos de estigmatização (PARKER; ANGGLETON, 2001), as redes de sociabilidade de HSHs constituem enraizamentos territoriais nem sempre muito visíveis a olhos não treinados. No Brasil não há marcações muito precisas em termos de moradia de seus integrantes (gueto); ainda assim, existe uma profusão de lugares de homosociabilidade dispersos entre a hegemonia heterossexual — alguns se imbricando com as chamadas “regiões morais”² dos grandes centros urbanos (KRIEGER, 1998; GREEN, 2002; RIOS, 2004; RIOS; VIEIRA, 2022).

Redes que constituem experiências comunitárias nos moldes descritos por Haraway (1994), em que a afinidade e a capacidade de conexão se autonomizam e superam as relações territoriais e de parentesco, que marcam a definição clássica de comunidade (THORNTON, 1997). Conforme Rios (2004), a categoria nativa “entendido” é eloquente sobre o *modus operandi* dessa comunidade: um esfumaçamento em relação às identidades e uma ênfase na compreensão de códigos e práticas que tornam as pessoas capazes de interagir (cf. FRY 1982; GUIMARÃES, 2004; GREEN, 2002).

Tomemos como exemplo a experiência relatada por Caique, Jovem de 23 anos, branco, militar, entrevistado na segunda fase da pesquisa aqui discutida. Ele conta que certo dia caminhava em um parque às margens do Rio Capibaribe, em um bairro classe média da cidade. Percebeu, por troca de olhares, um homem interessado em sexo.

1 O projeto “Homossexualidades” vem sendo financiado pelo CNPq (processos 405259/2012-3, 470088/2013-3, 305136/2014-3, 310468/2018-3, 309265/2021-5, 409990/2022-1), e tem aprovação, em suas diferentes fases, do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além do CNPq, queremos agradecer à equipe de estudantes-pesquisadores que participaram da coleta de dados, muitos deles contando com bolsa de iniciação científica da UFPE/CNPq e FACEPE.

2 A noção de “região moral” de Park (1997) reparte o espaço urbano em faixas residenciais, industriais e o centro. O centro serviria como ponto de concentração administrativa e comercial, e lugar de reunião de categorias sociais marginalizadas — incluídas as sexuais.



Conversam e decidem descer para o mangue e ter sexo (RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019).

Ainda que vivam a sexualidade e a homosociabilidade “com discrição” (PECHENY, 2004), os HSHs estão em constante ameaça de terem suas orientações sexuais reveladas (SEDGWICK, 2007) e sofrem com mais rigor os efeitos da estigmatização (RIOS et al, 2018), especialmente aqueles moradores de cidades menores, distritos e bairros populares, em que a presença de relações de vizinhança e familiar mais próximas e atuantes produzem maior controle social sobre a moralidade de seus integrantes, configurando aquilo que Bott (1976) denominou rede de malha estreita. Em oposição a esta, a autora descreve as redes de malhas frouxas, que caracterizam agrupamentos urbanos maiores, portadores de um *ethos* mais individualista e impessoal (cf. também VELHO; MACHADO, 1977).

Sobre os trânsitos territoriais de HSHs na interface com essas modalidades de experiências societais, Parker (2002) vai mostrar como moradores de cidades menores são impelidos, pela estigmatização, a se deslocar para longe dos familiares; e são atraídos por *homopanoramas*³ positivos, que relacionam liberdade sexual aos grandes centros urbanos. Ele também mostra que alguns de seus entrevistados permaneciam guardando segredo sobre suas sexualidades para as suas famílias, ainda que tivessem independência financeira e as visitasse com regularidade.

Seguindo as pistas de Parker (2002), Rios (2014) mostra como *homopanoramas* e *religiopanoramas* se conjugaram para levar pais de santo HSHs da RMR ao Rio de Janeiro e São Paulo em busca de um modelo de religião afro-brasileira mais homófilo e aberto às suas configurações de feminilidade. Enquanto nos percursos migratórios estudados por Parker (2002) os homens iam e quando voltavam eram de visita, no caso dos pais de santo da RMR, eles tinham comunidades espirituais que esperava seus retornos. A volta produziu uma reconfiguração não apenas nos terreiros, mas no próprio campo afro-religioso de Recife – nas nações, nas divindades e modos de cultuá-las, e, mais amplamente, nas performances de gênero de pais e filhos de santo

³ Conforme Appadurai (1994), a mediação eletrônica e as migrações massivas criam um novo campo de forças para as relações sociais no nível mundial. Um mundo caracterizado fundamentalmente pela aceleração de panoramas em fluxo de bens/capital, ideias, imagens, pessoas/grupos e tecnologias. Parker (2002) vai sugerir que se acrescente aos panoramas em fluxo os da homocultura.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife

homossexuais, que incorporaram em Pernambuco um modelo de religião afro-brasileira afeita ao uso de coisas do feminino pelos homens.

Inspirados na discussão sobre homossexualidade e deslocamentos nas e pelas cidades, neste trabalho buscamos georreferenciar os lugares de homossociabilidade e refletir sobre os circuitos percorridos pelos nossos interlocutores moradores de bairros mais pobres de Olinda e Recife e de cidades menores da RMR.

Metodologia

Os resultados aqui discutidos são frutos de pesquisa etnográfica sobre vulnerabilidade de HSHs ao HIV/AIDS, com trabalho de campo realizado entre março de 2013 e fevereiro de 2022. Ela possui seis fases, apresentadas no quadro 1. Para efeitos deste artigo, focaremos na análise descritiva de questionários respondidos em inquérito comportamental e entrevistas temáticas realizadas com respondentes do inquérito (2016-2017), e nas descrições densas das observações participantes – fases 1, 3 e 4 da pesquisa.

Quadro 1: Fases da coleta de dados

Fase	Período	Atividade
1	2013 – 2016	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
2	2015	Entrevista com enfoque biográfico 25 HSHs
3	2016 – 2017	Inquérito comportamental 380 HSHs
4	2016 – 2017	Entrevista temática 20 HSHs participantes do inquérito
5	2019 – 2022	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
6	2019 – 2021	Entrevista com enfoque biográfico 37 HSHs

Elaboração própria.

O inquérito, do tipo corte transversal, investigou o perfil sociodemográfico, conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e saúde sexual, incluindo questões sobre territórios de homosociabilidade. Participaram HSHs com idades variando entre 18 e 51 anos. Ele foi aplicado por estudantes de graduação homens cisgêneros, sendo que duas



das redes se iniciaram nos bairros de moradia de entrevistadores. A seleção da amostra utilizou a técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010), em que entrevistados indicavam outros possíveis colaboradores, de modo que resultou em 10 cadeias com um total de 380 respondentes.

A amostra teve início com os participantes residentes em 6 municípios na Região Metropolitana do Recife (RMR). A escolha dos municípios para início das redes se deu por figurarem entre os dez com maiores taxas de detecção para a AIDS do Nordeste (BRASIL, 2013). Conforme estimativas do IBGE (2021) para o ano de 2021, a RMR contava com uma população de 4.047.088 habitantes, numa área de 2770,453 km². Além de Recife (1.661.017 habitantes), redes se iniciaram em Jaboatão dos Guararapes (711.330 habitantes), Olinda (393.734 habitantes), Cabo de Santo Agostinho (201.796 habitantes), Igarassu (119.690 habitantes) e Ipojuca (99.101 habitantes). Nosso plano era formar duas cadeias de respondentes a partir das cidades, mas em Igarassu e em Ipojuca só conseguimos formar uma cadeia para cada.

Conforme a classificação de tamanhos dos municípios do IPEA (2008), Recife, o município mais populoso e por sua centralidade e influência sobre os demais e no estado, seria uma metrópole. Jaboatão dos Guararapes, seria uma grande cidade, Olinda e Cabo, cidades de médio porte, e as duas últimas seriam classificadas como cidades em transição, de pequenas para médias.

A análise estatística das respostas aos questionários utilizou o programa SPSS (2018) e considerou como fatores de interesse as seguintes questões: a) Cadeias de respondentes b) Cidade de residência c) Tipos de lugar de frequência no último ano⁴, d) Cinco lugares frequentados nos últimos seis meses.⁵

Também realizamos entrevistas temáticas, com foco biográfico, de perspectiva narrativa (BRUNER, 1990), realizadas por mulheres

4 1. Bares GLBT; 2. Boates GLBT; 3. Cinemas de pegação; 4. Banheiros públicos ou de shoppings para fins de pegação; 5. Saunas gay; 6. Clube de sexo; 7. Grupos ou organizações homossexuais; 8. Site pornô para homens homossexuais na internet; 9. Salas de bate papo na internet, com fins de pegação; 10. Aplicativo ou site de busca de parceiros na internet/celular; 11. Ponto Gay da praia; 12. Parada da Diversidade Sexual; 13. Praças, ruas e postos de gasolina onde as pessoas com práticas sexuais se reúnem para conversar e/ou paquerar; 14. Nenhum desses lugares; 99. Não quero responder.

⁵ Questão aberta, codificada posteriormente para fins de análise, resultando em 147 lugares nomeados.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

cisgêneros estudantes de graduação. Foi empregada a análise temática (RIOS, ADRIÃO, 2022) de modo a compreender as cenas de sociabilidade e a georreferenciação dos lugares. Foram especialmente importantes respostas às questões sobre os primeiros territórios e os atuais territórios GLBTs frequentados, do roteiro de entrevistas, foco de nossa discussão neste texto. Para garantir o sigilo e anonimato, utilizamos nomes fictícios para nos referirmos aos nossos entrevistados.

Para este texto utilizamos fragmentos narrativos de 5 dos 20 interlocutores da terceira fase do projeto. Eles eram moradores de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, que exemplificam muito bem as dinâmicas de estigmatização e da homosociabilidade dos municípios de menor porte, que orbitam o grande centro urbano do estado de Pernambuco - Recife.⁶

Além disso, experiência anterior de pesquisa nos dois municípios permitiu adensar a compreensão sobre as experiências narradas. Os dois municípios de residência de nossos interlocutores privilegiados são famosos por suas belas praias, no Cabo estão Gaibu e Calhetas; em Ipojuca, Porto de Galinhas, Maracaípe e Muro Alto. Juntos os dois municípios formam a Micro Região de Suape, caracterizada por situar um importante complexo industrial e portuário. Suape foi uma das primeiras regiões de povoamento no Brasil, “até muito recentemente, teve sua economia centrada na produção de cana-de-açúcar, ainda apresentando fortes marcas da cultura escravocrata, que se expressam significativamente na permanência das desigualdades sociais.”. Ela é marcada pelo machismo expresso, por exemplo, nos altos índices de violência contra mulher e de exploração sexual de crianças e adolescentes (RIOS et al, p. 15).

Resultados: “Todo mundo vem pra Recife”

No inquérito tivemos uma maior expressão de homens negros (65,5%) e jovens, com idade média de 24 anos, predominando a faixa de idade entre 21 e 30 anos (63,2%). No que se refere à escolaridade, 67,7% tinham o curso superior (completo ou incompleto). A renda média *per capita* foi de 1,7 salários mínimos, sendo que 76,8% tinham a renda

⁶ Em outro trabalho discutimos as marcações sociais na configuração de lugares e frequentadores, com foco nas intersecções entre classe social, gênero e sexualidade (RIOS, VIEIRA, 2022).



familiar *per capita* de até dois salários mínimos (faixa E). A maior parte não estava trabalhando (46,7%), e 26,4% eram celetistas ou estatutários. Estudar ou estagiar (71,6%) foram as principais razões para não trabalhar.

A maior parte dos entrevistados residia em Recife (56,6%) e Olinda (26,6%) e, na sequência, Jaboatão dos Guararapes (5,3%) e Paulista⁷ (3,9). Os outros municípios, onde redes se iniciaram, alcançaram pouca expressão em termos de residência dos respondentes: Cabo de Santo Agostinho, 2,4%; Ipojuca, 0,5%; Igarassu, 0,5%. Os demais municípios da RMR (São Lourenço da Mata, Abreu e Lima, Camaragibe e Moreno) alcançaram juntos 2,9%. Algumas das indicações nos levaram para fora da RMR (4 respondentes), mas que deixamos na amostra por considerar que, do ponto de vista simbólico, tais municípios fazem parte da RMR, ainda que oficialmente lhes fizessem fronteira. São eles Paudalho (0,3%), Vitória (0,3%) Lagoa do Itaenga (0,3%) e Carpina (0,3%).

Cadeias

As cadeias que mais prosperaram foram as duas formadas a partir de Recife (168 respondentes/ 43,2% da amostra)⁸ e as duas formadas a partir de Olinda (146 respondentes/ 38,2% da amostra)⁹. Houve dificuldade de ampliar as cadeias nas cidades menores como em Igarassu (com 3,4% da amostra) e Ipojuca (2,1%), com apenas 1 rede em cada. Mesmo em Cabo de Santo Agostinho (6,8%) e Jaboatão dos Guararapes (5%), com duas redes cada uma, as cadeias prosperaram muito pouco.

Cadeias formadas em Recife e Olinda tendiam a avançar muito rapidamente. Isso acontecia em especial quando as indicações levavam os pesquisadores para comunidades mais pobres, onde o entrevistado, muitas vezes, não apenas indicava a pessoa, mas levava o entrevistador até ela. Isso não acontecia nas outras cidades ou nas duas outras redes de Olinda e Recife, em que, em geral, apenas eram informados o nome e o número WhatsApp/celular do indicado. Também solicitávamos que o próprio entrevistado entrasse em contato explicando sobre a pesquisa e que entraríamos em contato. O caso de Jaboatão nos chama especial atenção. A princípio, dada o número de habitantes e a proximidade do

⁷ Uma cidade de médio porte, com 336.919 habitantes.

⁸ Recife 1 com 43 respondentes e Recife 2 com 125 respondentes.

⁹ Olinda 1 com 54 respondentes e Olinda 2 com 92 respondentes.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Recife, no que se refere ao *ethos*, esperávamos encontrar uma dinâmica de formação de redes muito parecida com a de Olinda e Recife.

Destacamos que, entre os residentes em cidades menores (se comparadas a Recife), tivemos um maior número de recusas. Além disso, independentemente do tamanho das cidades, era comum, no momento de dar indicações, os respondentes refletirem em voz alta sobre quem, dos HSHs que conheciam, indicariam ou não, pensando no fato de serem ‘assumidos’¹⁰, da suposição sobre se gostariam ou não de serem indicados para uma pesquisa sobre homossexualidade. Nesse mesmo caminho, as indicações dos residentes em cidades menores tendiam para pessoas de fora dos municípios (em geral moradoras do Recife).

Georreferenciação

Acerca dos tipos de lugares *gays* mais frequentados no último ano, 76,8% mencionaram boates, 73,2% bares, 62,6% sites pornô, 55,5% aplicativos para busca de parceiros, 22,4% praças, ruas, postos de gasolina e 15% salas de bate papo na *internet*. Banheiros públicos ou de shoppings para fins de “pegação”¹¹ (7,1%), saunas gays (7,1%) e cinema de ‘pegação’ (4,2%), onde as pessoas vão para ter sexo, foram os menos citados.

Cinco questões abertas pediram os nomes dos lugares GLBTs mais frequentados nos últimos seis meses anteriores à entrevista, por ordem de frequência. Foram mencionados 147 lugares, incluindo boates, bares, festas, restaurantes, manifestações culturais (ensaios de quadrilha e frevo, p.e.), praia, shoppings centers, universidades, casa de amigos e lugares do centro histórico do Recife. Eles são referidos na Tabela 1.

¹⁰ Revelarem publicamente suas orientações sexuais.

¹¹ Pegação é um termo designativo para várias ações a depender de contexto intersubjetivo. Pode ser usado “para interações eróticas rápidas e anônimas entre homens, tais como voyeurismo, exibicionismo, masturbação mútua ou não, felação e penetração anal. A pegação também pode estar associada a outras formas de sociabilidade, como uma simples paquera, manifestada, por exemplo, em um bar, em uma boate ou mesmo na fila de um banco. De todo modo, é-lhe atribuída, na maioria das vezes, uma conotação pejorativa, sendo caracterizada como algo relacionado à promiscuidade” (GASPAR NETO, 2011, p. 148).



Tabela 1: Lugares mais frequentados nos seis meses anteriores à entrevista - com dez menções ou mais

Lugares	N	%
Boate Metrópole [21]	218	57,4
Santo Bar [20]	163	42,9
Recife Antigo (P. Arsenal [2], Rua da Moeda [3], Marco Zero [1])	107	28,2
Bar Conchittas [19]	89	23,4
Boate Meu Kaso Bar (MKB) [9]	68	17,9
UFPE (CAC, CFCH, CE, Laguinho, Concha)	54	14,2
Miami Pub [22]	34	8,9
Posto Select [23]	31	8,2
Shopping Boa Vista [14]	28	7,4
Praia de Boa Viagem	17	4,5
Lebian Bar [16]	13	3,4
Nosso Jeito Bar [7]	13	3,4
Manifestações culturais (Frevo, Samba, Quadrilha)	14	3,7
Sauna Progresso [17]	12	3,2
Bar Estelita	11	2,9
Casa de amigo	10	2,6

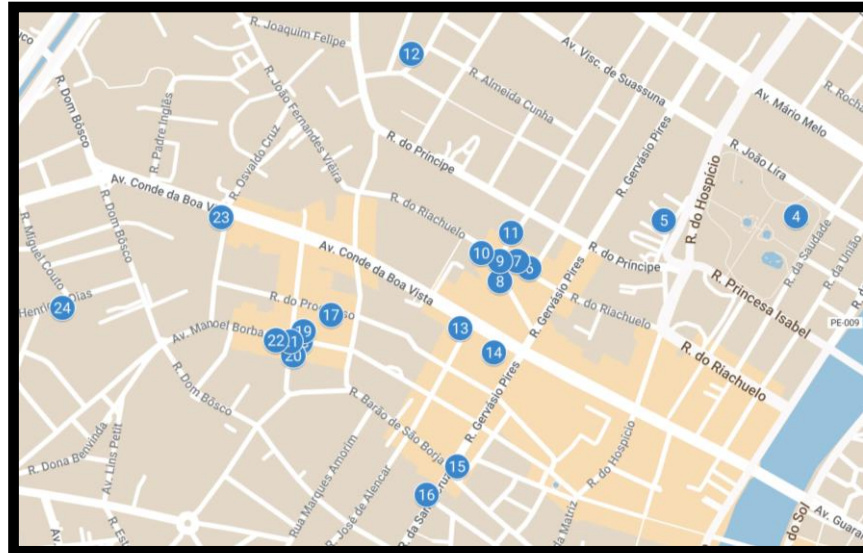
Elaboração própria.

Realizamos a georreferenciação da homossociabilidade da RMR, que resultou na produção dos Mapas 1 e 2. No processo consideramos as observações realizadas entre 2013 e 2016, nas duas primeiras ondas de entrevistas e no inquérito com o auxílio do GoogleMaps. Os mapas focam no centro da cidade do Recife, no território conhecido como bairro da “Boa Bicha” (que inclui espaços nos bairros da Boa Vista, Soledade e Santo Amaro) (Mapa 1) e Recife Antigo, o centro histórico do Recife (Mapa 2).



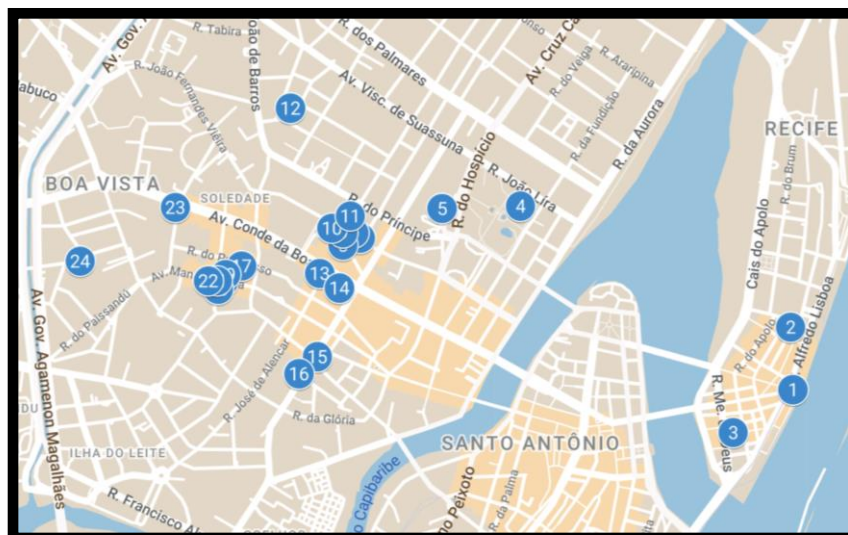
Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Mapa 1: Território de sociabilidade gay do Centro do Recife I: Boa Bicha



Elaboração própria.

Mapa 3: Território de sociabilidade gay do Centro do Recife: “Boa Bicha” à esquerda e “Antigo” à direita



Elaboração própria.



Legendas dos lugares assinalados nos mapas 1 e 2

1	Praça do Marco Zero	7	Confraria dos Ursos	13	Bar Mustang	19	Bar Conchittas
2	Praça do Arsenal	8	Cine Boa Vista	14	Shopping Boa Vista	20	Santo Bar
3	Rua da Moeda	9	Meu Kaso Bar	15	Bar Lisbela	21	Clube Metrópole
4	Parque 13 de Maio	10	Barracas de rua	16	Lesbian Bar	22	Miami Pub
5	S&L Hotel	11	Bar Nosso Jeito	17	Sauna Progresso	23	Posto Select
6	Mix Pub	12	Termas Boa Vista	18	Barracas de rua	24	Hotel Henrique Dias

Circuitos

Para os nossos interlocutores de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, a grande maioria dos lugares de frequência mencionados no inquérito, especialmente boates, bares e os espaços públicos, ficam em Recife, principalmente no Centro da cidade.

Marcílio¹², no inquérito, referiu frequentar o Nosso Jeito Bar [11], a boate Clube Metrópole [21], o Santo Bar [20], a casa de amigos e o Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Juliano¹³ frequentou a Metrópole, o Miami Pub [22], o Santo Bar [20], a Galeria Joana D'Arc (Bairro de Boa Viagem), e a Sauna Progresso [17], ambos os respondentes moravam em Ipojuca.

Davi¹⁴ frequentou o Marco Zero [19], a Praça do Arsenal [2], o Shopping Boa Vista [14]; Marcelo¹⁵ frequentou a boate Meu Kaso Bar (MKB) [9], a Metrópole [21], o Santo Bar [20], o Lesbian Bar [16] e o CAC/UFPE; e Paulo¹⁶ no inquérito disse que frequentou o Conchittas [19] e a Metrópole [21], os três moravam no Cabo de Santo Agostinho.

Os interlocutores explicam que nos municípios em que residem não há estabelecimentos comerciais gays, mas, ainda assim, se reúnem com amigos em praças, na praia ou na casa de amigos para se divertirem.

Ou a gente se junta e vai pra casa de alguém ou a gente vai na praia, na praça, se junta nesses ambientes, mas não ambiente específico de gays.

¹² Negro, 26 anos, curso superior incompleto.

¹³ Branco, 21 anos, curso superior incompleto.

¹⁴ Branco, 18 anos, curso superior incompleto.

¹⁵ Amarelo, 19 anos, curso superior incompleto.

¹⁶ Negro, 23 anos, curso técnico incompleto.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

[Então, tipo, na praia não tem um ponto específico ali LGBT ali não? É, tipo, qualquer lugar da praia?] É, isso mesmo. Lá não tem nenhum ambiente específico assim: aqui é o posto tal. (Marcílio).

Todo mundo vem pra Recife. Não tem exatamente nenhum, nenhum [lugar]. A não ser a casa de amigos, da turminha, a gente vai pra casa de fulano hoje, aí vai todo mundo. Se não, vamos na praia todo mundo. Mas, também não tem lugar certo na praia, pode ir pra qualquer praia, pode ir pra qualquer lugar. (Juliano)

Então, eu não tenho muitos amigos no Cabo. Porque assim, todo o meu convívio, toda a minha vida foi sempre pro lado daqui de Recife. Mas, assim, das pessoas que eu conheço que são de lá, que sempre querem se divertir pra essa questão LGBT, mais gay e tal, lésbica e tal, a gente sempre vem pra Recife. (...) Eu frequento a Metrópole [21], o Santo Bar [20] e a galeria Café Castro Alves. O Conchittas [19], às vezes. Mas, com mais frequência são esses. (Davi)

Rumando para a cidade¹⁷

Como Juliano e Davi, Paulo também tem na capital de Pernambuco seus lugares de diversão. Ele conta como começou a frequentar os espaços de homosociabilidade do centro do Recife:

Olha, eu comecei a ir pra Marco Zero [1], né? Toda bicha que se preze do Recife vai pro Marco Zero [1]. (...) Aí começa com os amiguinhos, começa a ir andar, *viçar*¹⁸, né? Que é roteiro muito certo, vamos *viçar* atrás de macho. Aí eu ia com os meninos dia de domingo, e, às vezes, eu ia dia de sábado. Pra passar o domingo lá na, na, ali perto do Shopping... [Boa Bicha [14]?] Boa Bicha [14] não. Não tem a Livraria Cultura, né? [É o Alfândega.] (...) Aí eu ficava por ali, nas boates. E tipo, eu sempre fui pra boate, não fui com a intenção de, de fazer pegação. [Uhum.] Se aparecesse um menino era ótimo, né? Que a gente ficava e tal, porque todo mundo gosta de uma safadeza. [Sim.] E eu não vou ser hipócrita, eu adoro. E eu quando ia pra lá eu ia com a intenção de ver meus amigos, de dançar, eu era que quebrava tudo, e que ficava bem louca. [Uhum.] Doidona de cachaça, descia até o chão, era uma esculhambação só. Mas era ótimo.

¹⁷ Cidade é o modo como os moradores da RMR se referem ao centro do Recife. Os centros comerciais dos demais municípios são referidos, em geral, como rua.

¹⁸ Em outro contexto da entrevista Paulo associa o *viçar* ao cio das cadelas.



[E tipo qual foi a tua primeira boate, então?] Foi a Moeda Eletrônica¹⁹, podre. (...) Lá na Rua da Moeda [3]. (...) É em cima, ela é em cima. [Ah.] Porque era, como era mais barato, né? Não tinha dinheiro pra... ou a gente escolhia o vinho, né? Que é de lei, Carreteiro, ou a gente entrava na boate, a gente entrava na boate, eu e as gays. (...) Aí, quem tinha cartão já aí passava o cartão e a gente bebia lá em cima, mas a gente entrava e fazia um complô com o segurança e ele deixava a gente entrar. Porque a gente era de menor, às vezes, tinha uns de menor, né? [Aham.] Aí a gente, os de maior entravam de boa, mas os de menor só entravam se todo mundo entrasse. [Mas a tua experiência sempre foi positiva?] Foi, foi. (...) Assim, o ambiente não é tão perfeito, né? Porque eu não sabia o que era uma boate, mas pra mim aquele lá, aquele reboco de parede era... (...) Era a melhor coisa que tinha, né? No momento. (...) Tinha um palquinho, aí a gente fazia altos shows.

Aplicativos

Apesar dos lugares de sociabilidade gay serem escassos e dispersos nos municípios menores, a ‘azaração’ não diminui. Há um ambiente propício para isso, que atravessa os municípios e confere um certo anonimato aos frequentadores, necessário quando se mora em cidade menor: os aplicativos de *internet*.

[Tu costumava fazer uso dos aplicativos tipo *Tinder*, *Scruff*, *Grinder*, pra conhecer pessoas?] Sim. Normalmente, como eu disse esses últimos seis meses tá bem agitado e foi com auxílio do *Grinder*, do *Scruff* que realmente ocorreu esses encontros. [Ah, massa. Mas nas boates também tu fazes esses contatos ou tu te limitas mais uma coisa pra *internet*?] Mais pela internet mesmo do que pessoalmente. (Marcílio)

E os aplicativos, eu tenho direto. Inclusive ontem, quando eu estava na aula, aí eu abri. Tipo, aqui eu instalo, quando eu estou saindo da faculdade eu desinstalo pra não chegar lá no... (distrito de Nossa Senhora do Ó) com o aplicativo. Porque vai que eu tenha algum amigo com o aplicativo e me vê, tal. Apesar que não tem a minha foto, mas mesmo assim, tem a distância. [E lá o povo não sabe de tu não?] Eu não quero que quem é e quem tá no aplicativo saiba que eu sou. [Por que?] Não quero me identificar, só isso. [Ah, com as pessoas de lá, especificamente?] Exatamente. Mas não é tipo, se alguém souber e vier conversar alguma coisa, é bem tranquilo, bem de boa, só não queria... Só não quero, na verdade, vir à tona dessa forma em aplicativos. Até

19 A boate Moeda Eletrônica teve pouco tempo de existência. Imagens dela podem ser encontradas em seu perfil no site Foursquare City Guide: <https://pt.foursquare.com/v/moeda-eletr%C3%B4nica/4e73398faeb74f9f49258489>



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife

porque eu acho que aplicativos é pra desesperados. E é no meu caso mesmo, é pra desesperados, pra quem quer foder só e acabou. (...) E ontem eu estava na aula de física quando o aplicativo, aí um cara falou, estava sem foto também. Eu respondi, daí a gente conversou. Eu mandei foto, ele também. Os dois estavam lá na área dois, na aula de cálculo. Daí a gente terminou saindo, conversando e tal, não sei o quê. Vim embora com ele, ele também veio, a parada dele é a do Centro A, aí a gente terminou “ficando” aqui na frente do Centro B. Isso era 20h30, terminou ficando até quase 22h. (Juliano)

Discussão: Políticas de visibilidade

Nossa discussão toma como mote para sua caminhada pelos fenômenos relacionados a homossociabilidade de HSHs dois registros ou dimensões existências da contemporaneidade: a *offline* e a *online*. Em adição, no final desta seção retomaremos a produção das cadeias de responderes para, a partir de uma discussão metodológica, adensar nossa compressão sobre a dinâmica do armário (SEDGWICK, 2007).

Offline

Convém iniciar dizendo que divisão a *online* e *offline* foi realizada para fins analíticos e para facilitar didaticamente o entendimento de nossos argumentos. Na vida prática, entretanto, frequentemente as cenas acima descritas se produzem nas encruzilhadas que se formam entre os dois registros em um mesmo momento, como mostra a da *pegação* na sala de aula descrita por Juliano.

O distrito de Nossa Senhora do Ó, em Ipojuca, é um exemplo típico de uma comunidade onde todos se enredam de alguma forma – há sempre alguma conexão familiar, de vizinhança ou de amizade entre moradores, ainda que não se conheçam. O distrito fica a meio caminho entre o centro de Ipojuca e as praias mais famosas de Pernambuco, como Porto de Galinhas, Maracaípe e Muro Alto. Pode-se até dizer que o distrito é uma ilha cercada de canaviais por todos os lados.²⁰

²⁰ Conferir o mapa da localidade em *Foursquare City Guide*: <https://pt.foursquare.com/v/nossa-senhora-do-%C3%B3/4cdef310aba88cfa659545d7>



A forma como Juliano lida com os aplicativos de *pegação* nos ajuda a entender a dinâmica do armário nas cidades menores, e os jogos de se esconder e se mostrar necessários para preservar a vida, e, ainda assim, conquistarem parceiros sexuais. O que Rios (2012) denominou de “paradoxo dos prazeres”: como acenar que é HSH e, ao mesmo tempo, se proteger da estigmatização das diversidades de sexualidade e de gênero e seus efeitos violentos. O que também tem a ver com aquilo que Minskolci (2014) chamou de “regimes de visibilidade”. Juliano liga e desliga os aplicativos conforme a distância que está de sua vizinhança de moradia.

Certamente os regimes de visibilidade interferiram na própria montagem das cadeias da amostra, que não conseguiram avançar nas cidades menores, e tenderam a não incluir homens que supostamente não gostariam que suas práticas homossexuais fossem reveladas para um desconhecido, de modo mais expressivo, HSHs que também fazem sexo com mulheres (HSHMs).²¹

Os comentários dos jovens do projeto Ação Juvenil²², residentes em Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, ajudam-nos a compreender a carga de estigma, atualizada nas redes sociais familiares e de vizinhança dos dois municípios. Shunã e Adrião (2015, p. 147-148) trazem o seguinte relato:

Em minha escola já teve um caso parecido! Só que com meninas, elas estavam começando a alisar, aí uma colega veio e gravou, pegou o vídeo e espalhou por toda a escola, e os colegas da sala começaram a encher o saco delas, a puxar as cadeiras, tratando mal, sabe? Aí elas saíram da escola. Aí, depois delas, teve outro caso dos meninos que estavam se beijando no corredor da sala, aí os meninos da escola começaram a “xingar”. [insultar] a cara deles [...]. (Eduarda, 17 anos) Uma vez encontraram dois amigos meus se beijando [...] chamaram seus pais ao conselho tutelar; no final, os dois saíram da escola [...]. (Lucas, 17 anos)

21 Dangerfield et al (2017) discute a dificuldade de incluir em pesquisas sobre sexualidade e AIDS homens que fazem sexo com homens e mulheres (HSHMs). No nosso caso, Santos (2020), em análise do comportamento sexual de bissexuais, a partir dos dados do inquérito aqui discutido, aponta que: “Do total de entrevistados, 69 (18,2%) afirmaram que são homens que além de sentirem atração sexual por homens também sentem por mulheres, que passaremos a denominar HAHM, 37 (9,7%) relataram ter transado com mulheres nos últimos 6 meses, os clássicos HSHM da literatura, e 39 (10,3%) se identificaram como bissexuais.”

²² Projeto de pesquisa-intervenção com jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca para trabalharem como agentes multiplicadores/as de informações no enfrentamento do HIV/Aids, gravidez na adolescência, exploração sexual de crianças e adolescentes, uso abusivo de álcool e outras drogas. (RIOS et al, 2015).



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

(...) Eu não tenho problema nenhum se você é de Umbanda, Evangélica... Mas eu acho que é pelo homossexualismo, porque a pessoa pensa “eu não vou andar com homossexual porque vão dizer que eu sou” [...]. (Lucas, 17 anos)

Em 2014, um outro grupo de jovens ingressou no projeto e as formações aconteceram na UFPE. Causava espanto aos jovens a presença de gays, lésbicas e transgêneros aproveitando seus tempos livres no hall do Centro de Artes e Comunicação (CAC) ou no Laguinho, junto do Centro de Educação (como apresenta a Tabela 1, espaços de homosociabilidade bastante citados no inquérito). Menezes et al (2016, p. 61), em sua análise sobre o projeto assinala:

Esse tema [diversidade sexual e homofobia] se apresentou como demanda de trabalho para o grupo desde os primeiros momentos na Universidade, tendo em vista a frequente circulação entre pessoas homossexuais e travestis, o que gerava sempre muitos risos e piadas, além de comentários com forte conotação religiosa, do tipo: “Precisa disso tudo?!”, “Vamos ali fazer uma oração pra eles”, em referência a um beijo entre dois homens; “Olha! O peito dela é maior que o meu!”, “Eita, fulano chega tá babando”, em relação a uma travesti que passava pelo laguinho próximo ao Centro de Educação, espaço onde várias atividades foram realizadas.

Os dados do Ação Juvenil, descritos acima, sugerem jovens que se subjetivaram em contextos bastante opressivos sobre as homossexualidades e transgerações. Estigmatizações que certamente se atualizam nas malhas estreitas das redes que caracterizam as vivências familiares e de vizinhança de cidades menores (BOTT, 1976).

Conforme Velho e Machado (1997), nas cidades pequenas os diferentes papéis desempenhados por uma pessoa são conhecidos por todo o grupo social. O que caracterizaria a grande metrópole seria a possibilidade de, em meios sociais distintos, desempenhar papéis diferentes. É o que Velho e Machado (1977) denominaram “anonimato relativo”. Sobre isso Andrade (2015, p. 33) comenta:

[nas cidades menores] manter relacionamentos com pessoas do mesmo sexo sem que isso seja sabido por parte de outros indivíduos com os quais se convive é bem improvável, uma vez que a vigilância social é forte. Já nas cidades grandes pode-se preservar certo anonimato. (...) O anonimato não seria absoluto porque a própria mobilidade que favorece o deslocamento de um indivíduo entre diversos meios sociais dificulta a existência de áreas que sejam exclusivas.



Ainda assim, a situação é um tanto mais complexa, o que impede a realização de sínteses muito arrumadinhas sobre territórios, redes comunitárias e trânsitos. Parker (2002), por exemplo, vai mostrar que mesmo para os moradores de metrópoles regionais, como é o caso do Recife, a estigmatização das homossexualidades nas redes familiares e de amizades pode exercer pressão para migrações. Sobre isso, Parker (2002, p. 251-252) sublinha:

Para os homens que foram criados no interior, em áreas rurais ou pequenas cidades, a nova abertura, o anonimato e a tolerância de capitais estaduais ou regionais como Fortaleza podem representar um enorme alívio. Para homens que cresceram nessas cidades, contudo, o peso da vigilância familiar, a pressão social da vizinhança e assim por diante podem ser excessivos, e fugir para cidades grandes como o Rio de Janeiro ou São Paulo passa a ser uma alternativa.

Os nossos entrevistados de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca são homens jovens, que estão, talvez, nas primeiras experimentações daquilo que levou os homens entrevistados por Parker (2002) a migrar. Eles narram as táticas utilizadas para se desvencilhar dos olhares reguladores em praças, praias e casas de amigos, ou rumando para a grande cidade em busca de diversão e de sexo.

Analisando a narrativa de Paulo, o “Antigo” pode ser considerado como a grande praça da capital pernambucana. Um lugar importante para a socialização e sociabilidade fora do armário de jovens gays. Além de proporcionar diversão com baixo custo, que inclui ficar próximo de um terminal de ônibus que liga vários bairros dos subúrbios e cidades da RMR ao centro do Recife, o caráter de zona turística confere certa permissividade à diversidade, incluindo às de sexualidade e gênero.

Ao cair da tarde e início da noite, aumenta a frequência de LGBTQIAPNs+; ressalte-se um público mais jovem e que dá impressão de estar menos preocupado com anonimato. Porque diferente de outros tempos, em que beijos e carinhos estavam restritos ao interior ou cercanias dos estabelecimentos comerciais “GLS”, no Recife Antigo gestos como estes são vistos corriqueiramente. Certamente porque a própria distância de suas residências já funcione como uma espécie de ‘armário’²³.

²³ Como mencionamos em outro trabalho, essa região central do Recife já teve, “no passado, tudo aquilo que caracterizaria uma clássica Região Moral, durante o dia centro administrativo da cidade, e à noite zona boêmia e de prostituição (...), recebendo constantemente marinheiros estrangeiros, já que fica bem próximo ao porto” (RIOS, VIEIRA, 2022).



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Nessa linha, o que também deve ser sublinhado é que, nas três formas de driblar a estigmatização e se sociabilizar, território e deslocamento são elementos chaves para produzir inflexões nas portas do armário. Como sugere Teixeira (2015, p. 35):

Ainda que não seja possível mesurar com precisão de que formas a orientação sexual estaria implicada nas correntes migratórias no Brasil, um fato torna-se observável: o deslocamento *_físico e subjetivo_* seria o cimento que agregaria diversos fatores que agem na construção identitária homossexual. Desde a metáfora espacial de “sair do armário” (ao revelar-se a homossexualidade), passando por uma provável expulsão do lar pela família, até a migração para outra cidade, o deslocamento se faz presente nas narrativas de vida dos homossexuais.

Outros estudos têm abordado a questão da homossociabilidade em cidades menores, especialmente as do interior do país. Eles descrevem cursos de vida dos participantes das pesquisas (SOUSA, 2021; LEITE, 2022; FERRARI; BARBOSA, 2014), aprofundando a dinâmica de algumas das estratégias usadas para modularem os “regimes de visibilidades” (MINSKOLCI, 2014) e o “paradoxo dos prazeres” (RIOS, 2012) pelos HSHs, de modo a mitigar o sofrimento causado pela estigmatização.

Há, na literatura, referências a outros trajetos em busca de um bom lugar pra viver, que não o da pequena cidade rumo à metrópole (TEIXEIRA, 2015). Um dos entrevistados de Leite (2022), por exemplo, saí do Recife para morar no interior de Pernambuco. Ele permanece no armário, não assumido a identidade gay, revelando-se homem que faz sexo com homens apenas para aqueles rapazes por quem sexualmente se interessa. No seu caso a estratégia para se invisibilizar foi se mostrar, candidatando-se a um cargo público, produzindo festas e abrindo um estabelecimento comercial concorrido, sendo uma pessoa bastante conhecida no município. A sua configuração de gênero, que remetia à masculinidade heterossexual, contribuía tanto para que não fosse estigmatizado como para arrumar parceiros sexuais na região – sempre na mais completa “discrição”.

À semelhança de nossos achados, Sousa (2021) chama atenção para a centralidade das praças, da circulação por outros municípios em direção aos maiores, e da dimensão *online* na sociabilidade gay²⁴. Suas descrições adensam o fazer na praça, que vai muito além do encontro

²⁴ Sousa (2021) sublinha a importância das universidades como espaços de redescritção das sexualidades, que também apareceu na nossa pesquisa, seja na georreferenciação ou nas narrativas, assunto que é melhor explorado em Rios, Vieira (2022).



entre amigos que os nossos interlocutores mencionaram e envolve a *azaração* (paquera) e formação de parcerias sexuais.

Sousa (2021), Ferrari, Barbosa (2014) e Leite (2022) mostram como, em cidades menores, diferentes estratégias são utilizadas pelos homens gays e outros HSHs para encontrarem parceiros sexuais, que envolvem e enredam homens de diferentes idades, classes e identidades sexuais na própria cidade de residência, de modo que o jogo do se esconder e se mostrar se complexifica ainda mais.

De toda forma, a “discrição” (PECHENY, 2004) e sutileza do se fazer “entendido” (RIOS, 2004) parecem ser elementos chaves para o reconhecimento recíproco enquanto “homem que faz (sexo com outro homem)” e produção de disposições para o sexo – à semelhança da cena sobre a transação de Caique, as margens do Capibaribe (RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019), recontada no início deste texto.

Online

Como mostram os relatos de Marcílio e Juliano, com advento da *internet*, as táticas para esgaçar as redes de trama estreita, afrouxando-as (BOTT, 1976), ampliam-se com as novas tecnologias de informação e comunicação, permitindo que as pessoas participem das comunidades gays sem sequer saírem de casa (SILVA, 2010; SANTOS FILHO, 2012; TEIXEIRA, 2015; RIOS, 2018; SOUSA, 2021). Nesse sentido, Miskolci (2014, p. 65) já havia constatado que:

as mídias digitais tiveram impacto profundo nas cidades médias, pequenas e na zona rural, pois passaram a prover uma possibilidade inédita de socialização homoerótica para pessoas em contextos sem circuitos comerciais segmentados para um público homossexual”.

Mas isso não ocorre apenas para moradores das cidades menores: o uso de sites pornôis (62,6%), aplicativos de busca de parceiros (55,8%) e salas de bate papo (15%) é expressivo na nossa amostra, em que mais de 90% dos participantes mora em cidades grandes e médias.

Além de possibilitar o contato dos HSHs com uma variedade quase infinita de estilizações de ser homossexual, gostos eróticos e subculturas sexuais de todo o mundo (DOWSETT, 2010), incrementando os homopanoramas em fluxo (PARKER, 2002; RIOS, 2014). Em adição, acentua o caráter discreto (PECHENY, 2004) da dinâmica identitária das pessoas com práticas homossexuais.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Assumir-se publicamente para um outro alguém como “homem que faz” deixa de ser condição mínima para uma interação sexual, considerando a dimensão *online* da existência, em que o anonimato é mais fácil de ser garantido. Basta, para isso, um *smartfone*, computador ou *tablet* conectado à internet e o acesso a um *site* de bate papo ou aplicativo de busca de parceiros e a disponibilidade para conversar, digitando ou falando – para incrementar, se desejar, pode-se usar *nicknames* alusivos a atributos sexuais, fotos e vídeos de partes do corpo mais erotizadas, os “nudes” (RIOS, 2018).

O rosto, importante marca de identidade, não precisa ser revelado, ajudando a guardar o sigilo para as interações estabelecidas (MISKOLCI, 2013; ZAGO, 2013). Para os que, ainda assim, temam ser identificados ou para os que queiram apenas aprender as artes do sexo, ou incrementar a excitação sexual sozinhos ou com parceiros, há uma infinidade de *sites* de disponibilização de conteúdo pornográfico. Esses e outros recursos podem ser artifícios para interações intensas e muito prazerosas, mas, ainda assim, também muito discretas, todas elas partes dos roteiros de sexo à distância (SANTOS FILHO, 2011; QUEIROZ; RIOS, 2022).

Não obstante, é preciso sublinhar que, ao configurar-se como ambiente de ‘pegação’, salas de bate papo e aplicativos de procura de parceiros na *internet* recebem a carga de estigmatização que confere sentido a outros ambientes de flerte, de sexo impessoal e ocasional, como parques, cinemões, banheirões e *darkrooms* (RUBIM, 1998; GASPAR NETO, 2011; BRAZ, 2013). Isso fica explícito na fala de Juliano, quando explica que “aplicativos é pra desesperados”, “pra quem quer foder só e acabou”; que ele reconhece ser o seu caso, mas não quer que os amigos e conhecidos da vizinhança saibam disso. Ainda assim, o alto percentual que recorre às salas de bate papo e aplicativos, em comparação a outros lugares de ‘pegação’ (cinemas e banheiros), pode sinalizar um deslocamento da ambiência da pegação para a *internet* em busca da sensação²⁵ de segurança (do não reconhecimento e contra a violência).

Ser e se mostrar em pesquisa

²⁵ Sensação que nem sempre corresponde à realidade, basta acompanhar os noticiários sobre crimes de extorsão financeira e violência física e sexual em que as ambiências *online* funcionam como parte de seus modos de operar.



Uma discussão sobre a ocupação do coração da sociabilidade gay, independentemente de lugar de moradia dos respondentes e com foco na classe social, foi realizada em outro trabalho (RIOS, VIERA, 2022). Vale aqui retomar algumas questões metodológicas, sobre a coleta de dados, para pensar se os resultados obtidos são devidos a vieses dos entrevistadores, no processo de formação das cadeias, ou se têm a ver com a própria dinâmica do “armário” (SEDGWICK, 2007; PECHENY, 2004, RIOS, 2012; MINSKOLCI, 2014).

Dois pontos chamam atenção: 1) a pouca expressão das cadeias iniciadas em Jaboatão dos Gararapes, uma cidade grande, maior inclusive que Olinda, em que anonimato supostamente favoreceria a multiplicação de indicações; 2) as maiores redes de Olinda e de Recife terem prosperado em bairros pobres, onde, frequentemente, o entrevistado não apenas indicava a pessoa, mas levava o entrevistador até ela.

A princípio, devido ao número de habitantes e à proximidade com Recife (tanto geográfica quanto no *ethos*), esperávamos encontrar em Jaboatão uma dinâmica de formação de cadeias de respondentes muito parecida com as de Olinda e Recife. Talvez não tenhamos tido a sorte, como nas duas maiores cadeias referidas, de elas terem nascido em bairros populares dos municípios, em que os interlocutores nos levavam para as casas de seus indicados. Ainda assim, nas cadeias Olinda 1 e Recife 1, em que os indicados não moravam perto uns dos outros, as cadeias progrediram.

Sobre as duas maiores cadeias que tivemos, elas contrariam a ideia de que nas redes de malha estreita (BOTT, 1976), as quais têm nos bairros pobres um dos principais exemplos, o estigma teria uma ação mais efetiva na invisibilização das orientações dissidentes da norma sexual e de gênero. São casos importantes para pensar e levantar hipóteses para serem investigadas por futuros estudos.

Sugerimos que a relativa facilidade em fazer as cadeias progredirem pode estar relacionada às mudanças nos efeitos da “epistemologia do armário” (SEDGWICK, 2007) entre os HSHs nas cidades e nos bairros em análise. Isso está relacionado com seus processos históricos e culturais, os quais queremos recuperar aqui muito brevemente.

Lembremos que Recife e Olinda são, desde o período colonial, coração cultural do que hoje é descrito como RMR. Atualmente, o carnaval é o principal evento turístico, mas ambas as cidades atraem pessoas



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

durante todo o ano, inclusive aquelas em busca de melhores condições de estudo, trabalho e de vida. Embora Olinda seja considerada uma cidade dormitório de Recife, o que poderia levar a crer que teria uma dependência cultural e de lazer daquela cidade, essa dinâmica não ocorre. Na verdade, há momentos em que se invertem os trânsitos de pessoas nos estratos de renda média e remediada da população da RMR, especialmente em determinadas épocas do ano, como nos meses que antecedem o carnaval.

Nossa cadeia atravessou os bairros pobres que compõe o centro histórico da cidade, em que o carnaval está presente o ano todo, configurando-se como um celeiro artístico que emprega e atrai muitos homens gays - seja na dança do frevo e de outros ritmos, nas artes visuais, na culinária, entre outras áreas. Esse um local possui uma forte presença de terreiros de religiões de matriz africana, os quais estão fortemente relacionados aos blocos de carnaval, procurados por muitas pessoas dissidentes da heteronorma.

Na atualidade bares e boates nominalmente gays só existem na memória, ou durante a semana pré-carnavalesca e o próprio carnaval. Todavia, é importante enfatizar que, ainda que não se expresse tão bem em números, muitos dos HSHs de Olinda não saem da cidade em busca de diversão e sociabilidade. Mesmo que não tenha uma grande expressão no inquérito, nossas observações indicam que eventos como ensaios de frevo, rituais nos terreiros de macumba, samba, participação de quadrilhas juninas, shows populares de côco e outros desempenham um papel significativo como locais importantes de sociabilidade para a comunidade homossexual, frequentemente sendo opções menos dispendiosas do que os lugares gays em Recife. Parece que esse cadinho cultural possibilita uma maior abertura, circulação, visibilidade e mesmo valorização do se mostrar homossexual.

No caso do Recife, a região onde a cadeia nasceu e prosperou já foi objeto de nossos estudos anteriores (RIOS et al, 2010). Ela se iniciou em um bairro historicamente reconhecido pela luta por direito ao território, com uma forte participação da Igreja Católica. Apesar da tradição católica, na escuta das lideranças leigas da igreja local, percebemos que as crenças religiosas sobre homossexualidade, ainda que estigmatizantes, eram narradas interpeladas e criticadas pelo campo dos direitos humanos. Da mesma forma que o ambiente em que a cadeia 2 foi constituída em Olinda, a região da cadeia 2 em Recife apresenta uma forte presença de expressões



artísticas populares e, ainda que seja uma comunidade de baixa renda, faz parte do polo turístico, com muitos bares e restaurantes reconhecidos.

Na nossa interpretação, podemos sumarizar alguns elementos importantes que concorreram para modificar as políticas de visibilidade homossexual nas duas localidades: o contato intercultural, com pessoas de diferentes partes do mundo circulando, muitas percebidas como gays, produzindo um ambiente cosmopolita; a valorização das manifestações de cultura artística local e o sucesso dos homens gays envolvidos nesses contextos. No entanto, entendemos que as relações intersubjetivas também favoreceram o encadeamento, como o fato de que as primeiras entrevistas foram feitas por entrevistadores moradores do bairro (introduzindo um viés de entrevistador). Não obstante, em um ambiente de maior opressão às homossexualidades, certamente as cadeias não prosperariam ao se saber que o entrevistador era um morador local.

Vale ainda destacar a alta escolarização dos nossos entrevistados (formação superior completa ou incompleta), inclusive nas duas cadeias em análise. Como interpretado em outro trabalho, isso parece ter produzido mudanças na mentalidade em relação à afirmação identitária (RIOS, 2021), bem como favorecido a compreensão da importância de uma pesquisa como a que realizamos para a própria comunidade gay.

Considerações finais

Neste artigo, mapeamos os espaços da sociabilidade homossexual da RMR, com foco nos homens que residem em cidades menores e na dinâmica de formação das redes de Recife e Olinda. Nas cidades menores, predominam espaços informais, como as casas de amigos, praias e praças. Os residentes nos municípios menores costumavam ir à capital do estado quando buscavam a diversão das boates, bares e saunas, além de aproveitarem a sociabilidade do estar com amigos, passear pelas ruas do Recife Antigo e paquerar com outros HSHs longe do olhar controlador das redes familiares e de vizinhança.

Talvez tenhamos, nesses deslocamentos, modos alternativos (ou ensaios) em relação às migrações por pressão da estigmatização das homossexualidades descritas na literatura. Atravessando todos esses espaços estava a dimensão *online* da existência, que facilitava o segredo e a aproximação entre os homens, um importante ambiente de 'pegação' na contemporaneidade.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Analisando a formação das cadeias de informantes, chamou atenção uma diferença das formadas em Olinda e Recife, em comparação com as das demais cidades, especialmente nas redes que se iniciaram nos bairros onde os entrevistadores moravam. Como hipóteses para futuros estudos, identificamos elementos que parecem ter favorecido as indicações e aceitações de participar das entrevistas, os quais estão relacionamos às políticas de visibilidade gay nas comunidades. Isso inclui as culturas e histórias locais, um ambiente cosmopolita favorecido pelo turismo e importância da formação universitária na autoaceitação e na compreensão do próprio processo de pesquisa.

Sugerimos que outras pesquisas explorem, por meio de observação participante e entrevistas, a dinâmica da sociabilidade nas casas de amigos, praias e praças das cidades pequenas e de médio porte, bem como nos bairros populares, de forma a adensar a compreensão sobre as tecituras das redes de amizade e das redes sexuais. Um foco especial deve ser direcionado às interações com HSHs que não se percebem como homossexuais e aos códigos da 'azaração' em ambientes que pedem por acréscimos na descrição.

Referências

ANDRADE, Vítor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, v. 77, p. 29–48, 2015. Disponível em <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/73>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRASIL. *Boletim Epidemiológico - Aids e DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRAZ, Camilo. 'Dark Room...cadê?!' Reflexões sobre a (ausência de) 'pegação' em boates GLS de Goiânia, Brasil. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, 2013, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis: UFSC, 2013.

BRUNER, Jerome. *Atos de significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições Escuta, 1990.



DANGERFIELD, Derek et al.. Sexual Positioning Among Men Who Have Sex With Men: A Narrative Review. *Arch Sex Behav*, v. 46, n. 4, p. 869–884, 2017.

DOWSETT, Gary. Dancing with Daemons: Desire and the Improvisation of Pleasure. In: AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. (Ed.) *Routledge Handbook of Sexuality, Health and Rights*. New York: Routledge, 2010. p. 264–270.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas*, v. 8, n. 11, p. 211-236, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6550>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

FRANÇA, Isadora Lins. Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 4, n. 2, p. 148-163, 2013. Disponível em https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/5086/pdf_82. Acesso em 13 de agosto de 2023.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GASPAR NETO, Verlan. A organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, n. 31, p. 147-165, 2011. Disponível em <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/42159>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

GREEN, James. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2002.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

(org.) *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 243-288.

KRIEGER, Susan An identity community. In: NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth. (eds.) *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London: Routledge, 1998.

IPEA. População das cidades médias cresce mais que no resto do Brasil. Site do IPEA. 2008. Disponível em https://web.archive.org/web/20090819081149/http://www.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=5499. Acesso em 07 de abril de 2023.

IBGE. Estimativas de População 2021. Estimativas de População. Disponível em https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/estimativa_dou_2021.pdf. Acesso em 07 de abril de 2023.

LEITE, Alexandra Ribeiro. *Homossexualidade e Envelhecimento: A Amizade como “Modo de Vida” Homossexual*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

MENEZES, Jaileila Araújo et al. *Ação Juvenil: fomentando lideranças juvenis em Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca*. In: Rios, Luís Felipe et al. (Orgs.). *Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras: a experiência do Programa Diálogos Suape*. Recife: EDUFPE, 2015, v. 3, p. 53-74. Disponível em <https://labeshu.com/livros>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Rev. Estud. Fem*, v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/cz7GhMPdhsF8ss8qLdtvQnm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

MISKOLCI, Richard. Negociando Visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas*, v. 8, p. 51-78, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>. Acesso em 13 de agosto de 2023.



PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador - culturas do desejo: Homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. *Estigma, discriminação e AIDS*. Coleção ABIA: Cidadania e Direitos, n.º 1. Rio de Janeiro: ABIA, 2001.

PECHENY, Mario. Identidades Discretas. In: RIOS, L. F. et al (Org.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira; RIOS, Luís Felipe. Celulares, perfis e a dimensão online da existência: uma etnografia sobre as experiências sexuais de jovens de uma escola pública do Recife. *DESIDADES*, v. 33, p. 152-153, 2022. Disponível em <https://desidades.ufrj.br/artigo/celulares-perfis-e-a-dimensao-online-da-existencia-uma-etnografia-sobre-as-experiencias-sexuais-de-jovens-de-uma-escola-publica-do-recife/>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe. *O Feitiço de Exu - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <https://labeshu.com/trabalhos-de-conclusao-de-curso>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe. O paradoxo dos prazeres: trabalho, homossexualidade e estilos de ser homem no candomblé queto fluminense. *Etnográfica*, n. 16, p. 53-74, 2012. Disponível em <https://journals.openedition.org/etnografica/1382>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe. A cidade dos Adés: Viajantes homossexuais e a reconfiguração do campo religioso afro-brasileiro em Recife/PE. In: ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. (Org.). *Circuitos religiosos: pluralidade e interculturalidade*. Porto Alegre: CirKula, 2014, v. , p. 255-278. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/335723465_A_cidade_dos_



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

Ades_Viajantes_homossexuais_e_a_reconfiguracao_do_campo_religioso_afro-brasileiro_em_RecifePE. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe. "Paizões", "filhotes" e a "simbiose do amor": regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos "ursos" no Recife (Brasil). *Etnográfica*, v. 22, n. 2, p. 281-302, 2018. Disponível em <https://journals.openedition.org/etnografica/5347>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 4, p. 219-248, 2021. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12216>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 1, p. e210427, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/QSVwZkJQMR7jGVKqCSSLfdL/>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe et al. Masculorum concubitores: Views on homosexuality among Catholics in Recife, Brazil. *Vibrant*, v. 7, p. 25-53, 2010. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4069/406941909005.pdf>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, L. F. et al. Diálogos Suape: pesquisa-intervenção-pesquisa sobre saúde e cidadania de populações afetadas pelas grandes obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em Pernambuco. In: RIOS, Luís Felipe (Orgs.). *Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras: a experiência do Programa Diálogos Suape*. Recife: EdUFPE, 2015, p. 13-35. Disponível em <https://labeshu.com/livros>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luís Felipe et al. "Foi como se a gente tivesse visto a morte?": estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. *Laplage em Revista*, v. 4, p. 140-158, 2018. Disponível em



<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6275810>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

RIOS, Luis Felipe; PAIVA, Vera; BRIGNOL, Silvia. Passivos, ativos and versáteis: men who have sex with men, sexual positions and vulnerability to HIV infection in the Northeast of Brazil. *Culture Health & Sexuality*, n. 21, p. 510-525, 2019.

RIOS, Luis Felipe; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: Georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. *Periodicus*, v. 1, n. 18, pp. 217–250. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/49832>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

SANTOS FILHO, Ismar. I. *A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer*. Tese (Doutorado em Letras), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

SANTOS, Matheus Luiz Silva dos. *Comportamento sexual e vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens bissexuais participantes da Comunidade Gay da Região Metropolitana do Recife*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

SEDGWICK, Eve. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu n. 28, p. 19-54, janeiro-junho de 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 311-327.

SHUNÃ, Pilar Bravo; ADRIÃO, Karla Galvão. Diálogos sobre sexualidades com as(os) jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca: inícios, afetos, normas e prazeres. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al (Orgs.) *Crescimento econômico, cidadania, saúde: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos*. Recife, EdUFPE, 2015, pp. 116-136. Disponível em <https://labeshu.com/livros>. Acesso em 13 de agosto de 2023.



Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homosociabilidade da Região Metropolitana do Recife

SILVA, Luís Augusto. Vasconcelos da. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. *Interface*, v.14, n. 34, p. 513-528, set. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/QVWjjTGpgMzC46Lg6v6SBrs/?lang=pt>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

SOUSA, Luiz Henrique. *Produzindo cidades e sexualidades em Alfenas (MG) e Mococa (SP): experiências de homens gays em cidades pequenas e interioranas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2021.

TEIXEIRA, Marcelo. 'Metronormatividades' nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. *Áskesis*, p. 23-38, 2015. Disponível em <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

THORNTON, Sarah. General Introduction. In: GELDER, Ken & THORNTON, Sarah. (eds.) *The Subcultures Reader*. London: Routledge, 1997.

VALENTE, Thomas. *Social networks and health: Models, methods, and applications*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

VELHO, Gilberto; MACHADO, Luís Antônio. Organização social no meio urbano. *Anuário Antropológico*, v. 1 n. 1, p. 71-82, 1977. Acesso em 13 de agosto de 2023.

ZAGO, Luiz Felipe. "Armários de vidro" e "corpos-sem-cabeça" na biosociabilidade gay online. *Interface*, v. 17, n. 45, pp. 419-432, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/zGzSs9mxVPRsPnPnKTPf8Qw/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 de agosto de 2023.



"Everyone comes to Recife": The places and policies of gay visibility in the homosociability of the Metropolitan Region of Recife

ABSTRACT: This paper discusses the sociability circuits of men who have sex with men (MSM) in the Metropolitan Region of Recife (RMR). The data come from ethnographic research carried out through interviews, participant observations and a behavioral survey, with a sample formed by 10 chains of respondents. In smaller municipalities, close knit networks prevailed, which controlled people and stigmatized homosexuality. To escape control, homosociability took place in spaces such as friends' houses, beaches and squares. And, when they wanted the fun of the gay clubs and bars, they went to Recife. At the same time, the online dimension was accessed, cutting up the control and expanding erotic possibilities. Analyzing the fieldwork dynamics itself, we observed greater ease in building chains of respondents from poor neighborhoods in Olinda and Recife, which we relate to changes in the possibilities of showing oneself to be homosexual.

KEYWORDS: Homosociability. Georeferencing. Smaller cities. Poor neighborhoods. Visibility.

Luís Felipe RIOS

Graduado em Psicologia, Mestre em Antropologia e Doutor em Saúde Coletiva. Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE. ORCID 0000-0002-0767-7845. Email: lfelipe.rios@gmail.com.

Recebido em: 08/04/2023

Aprovado em: 11/08/2023